

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

PAOLA JUCOSKI INÁCIO

**A SÉTIMA ARTE NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME “A
INVENÇÃO DE HUGO CABRET” NA FALA DAS CRIANÇAS**

CRICIÚMA

2013

PAOLA JUCOSKI INÁCIO

**A SÉTIMA ARTE NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME “A
INVENÇÃO DE HUGO CABRET” NA FALA DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2013

PAOLA JUCOSKI INÁCIO

**A SÉTIMA ARTE NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME “A
INVENÇÃO DE HUGO CABRET” NA FALA DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 25 de novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestrado em Educação (UNESC) –
Orientadora

Prof.^a Cristina Bergmann Corrêa – Especialista em Educação Estética, Arte e
Perspectiva Contemporânea – (UNESC)

Prof^a. Ma. Adriana Ganzer – Mestrado em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho aos meus amigos, familiares e as pessoas que eu amo e que me ajudaram de alguma forma nesta jornada e também a minha professora e orientadora Silemar, na qual eu tenho muito respeito e admiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente o meu agradecimento é a Deus, por estar me dando esta oportunidade de fazer uma segunda graduação e uma segunda defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, que apesar do grande empenho em realizá-lo, traz gratificação ao profissional de Artes que sai de uma Universidade, rumo à busca de uma educação de qualidade e de levar conhecimento em arte aos futuros educandos.

À minha família, que me apóia sempre nos meus afazeres escolares e que não hesitou em me ajudar nos momentos mais complicados.

Aos meus amigos, que entenderam a minha falta em momentos importantes e lugares onde não pude comparecer, por estar envolvida com este trabalho. Ao meu amigo Gabriel Silveira, que sempre que pode me ajudar, ele o fez.

À escola em que pude fazer a pesquisa de campo, que desde o início aceitou minha proposta de pesquisa, a diretora Margarida Darós e a auxiliar de direção Regina Siqueira pela ajuda que me deram e às crianças em especial que foram parceiros diretos nesse desafio.

Ao Filipe Cordova, que se disponibilizou em gravar a minha pesquisa de campo, apesar dos seus compromissos.

E à minha professora e orientadora, Silemar, que aceitou o meu convite de coração aberto e teve como prioridade me orientar nesta jornada. Agradeço ainda aos professores do Curso de Artes Visuais que socializaram conhecimentos para que esse momento acontecesse.

O meu muito obrigada a vocês que fizeram parte de alguma forma deste trabalho e que me ajudaram nesta conclusão de curso, em especial à banca examinadora Cristina e Adriana, que aceitaram meu convite para avaliação deste trabalho.

“A representação do mundo ou a representação do homem por ele mesmo fazem parte da função de cinema, uma função social que vai revelando a importância dessa relação do homem e aparelho, mexendo com nossas emoções, nossas lembranças e, porque não, mexendo com nossos sonhos.”

WALTER BENJAMIN

RESUMO

Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) segue a linha de pesquisa do Curso de Artes Visuais – Licenciatura: educação e arte, tendo como foco o cinema e a educação. Tem enquanto objetivo refletir sobre os dizeres das crianças sobre o filme *A invenção de Hugo Cabret* (Martin Scorsese, 2011) e se estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação, no sentido de melhor compreender a relação entre cinema e educação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza como uma pesquisa de campo, que usa como estratégia metodológica o espaço de narrativa. Após assistirem ao filme, com uma roda de conversa, gravada e transcrita para então coletar e posteriormente refletir sobre os dizeres das crianças em relação ao filme e como estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação. O conceito de arte é discutido a partir de Bosi (2009) e Nunes (2009). Compreendendo o cinema como linguagem da arte, o diálogo teórico acontece com Almeida (2004), Bernardet (2006), Duarte (2002), Modro (2005 e 2006) e Silva (2009). Ampliando esse diálogo trazendo a relação criança e mídia com Fantin (2006, 2008 e 2009), somado às questões que envolvem o ensino da arte com Buoro e Costa (2007) Ferreira (2001), Ferraz e Fusari (2001), Leite (2008), Martins, Picosque e Guerra (1998) e Pereira (2007). Apresento uma breve história do cinema, contextualizando-a a partir da relação cinema, criança e educação. Encontro a relevância dessa pesquisa no exercício de ouvir as crianças, no sentido de melhor compreender como elas compreendem para então aprender com elas.

Palavras-chave: Linguagem do Cinema. Educação. Ensino da arte. Criança. Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cena do filme: guitarrista Jean “Django” Reinhardt.....	30
Figura 2 – Cena do filme: escritor James Joyce e o pintor Salvador Dali.....	30
Figura 3 – Foto do trem descarrilado na estação	31
Figura 4 – A Lua sendo atingida pelo foguete 1	41
Figura 5 – A Lua sendo atingida pelo foguete 2.....	42
Figura 6 – A Lua sendo atingida pelo foguete 3.....	42
Figura 7 – A Lua sendo atingida pelo foguete 4.....	42
Figura 8 – A Lua sendo atingida pelo foguete 5.....	43
Figura 9 – A Lua sendo atingida pelo foguete 6.....	43
Figura 10 – A Lua sendo atingida pelo foguete 7.....	43
Figura 11 – A Lua sendo atingida pelo foguete 8.....	44
Figura 12 – O autômato.....	44
Figura 13 – Isabelle e Hugo no relógio da estação.....	45
Figura 14 – Hugo observa pelo relógio da torre.....	45
Figura 15 – Hugo observa pelo relógio da torre (Recorte desenho).....	46
Figura 16 – O trem descarrila na estação no sonho de Hugo.....	46
Figura 17 – O trem descarrila na estação no sonho de Hugo (Recorte desenho)....	47
Figura 18 – Tia Jeanne na lua.....	47
Figura 19 – Os efeitos especiais dos filmes.....	48
Figura 20 – O estúdio de cinema de vidro.....	48
Figura 21– Turma do primeiro ano do segundo ciclo (4º ano).....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição de atividade: I MOSTRA DE CINEMA DO CEARÁ (matutino) ...	
.....	50
Tabela 2 – Descrição de atividade: OFICINA DE CINEMA DO CEARÁ (vespertino)	
.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
DVD	Digital Versatile Disc
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MIS	Museu da Imagem e Som
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
3D	Três dimensões

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 DESENHO DOS CAPÍTULOS.....	12
1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	13
2 ARTE E ENSINO DA ARTE NO BRASIL: CONTE-ME ESSA HISTÓRIA.....	16
2.1 O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO.....	19
2.2 AS CRIANÇAS E AS AULAS DE ARTES.....	21
3 CRIANÇA E IMAGINAÇÃO.....	24
4 O FILME QUE TRAZ A HISTÓRIA DO CINEMA CONTADA PELO CINEMA.....	26
4.1 A SÉTIMA ARTE: O COMEÇO.....	26
4.2 CINEMA E MÍDIA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO.....	27
4.3 "A INVENÇÃO DE HUGO CABRET": O OLHAR DO ESPECTADOR.....	28
5 AS CRIANÇAS ASSISTEM AO FILME "A INVENÇÃO DE HUGO CABRET"	33
5.1 NO CONTEXTO DA ESCOLA DO CEARÁ.....	33
5.2 O QUE AS CRIANÇAS FALAM SOBRE O FILME.....	34
5.2.1 RODA DE CONVERSA: ESPAÇOS DE NARRATIVA.....	38
5.3 SOBRE OS DESENHOS DAS CRIANÇAS: O QUE FICOU?.....	41
6 PROPOSTA DE CURSO: MOSTRA DE CINEMA E OFICINA NA ESCOLA.....	50
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE(S)	58
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO....	59
APÊNDICE B – TERMO DE DE AUTORIZAÇÃO PAIS/RESPONSÁVEIS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A presente investigação parte da experiência com a disciplina de Linguagem do Cinema e Educação, no Curso de Artes Visuais – licenciatura da UNESC, onde vivenciei com mais clareza e conhecimento sobre o mundo da sétima arte e busquei uma aproximação cada vez maior com essa linguagem.

Posteriormente, esse assunto foi tratado na disciplina de estágio III, com uma turma de Ensino Médio, no qual ampliei experiências juntamente com os alunos sobre a história do cinema e suas nuances. Evidenciei com os alunos do estágio, o trabalho do artista William Kentridge, que conheci em uma visita ao museu Iberê Camargo em Porto Alegre em abril deste mesmo ano. O catálogo da sua exposição coloca a ligação de suas obras com essa linguagem, pois: “[...] a obra de Kentridge transita livremente pelas fronteiras cada vez mais permeáveis do cinema...” (TONE, 2013, p. 01). Além deste artista, busquei junto aos alunos diversas situações que nos fizeram aprofundar conhecimento a respeito do cinema.

Durante a construção do projeto de Estágio III, cujo desafio era trabalhar o Cinema no Ensino Médio, deparei-me com alguns filmes. Mas foi no momento em que pesquisava sobre a história do Cinema, que um deles, em especial, me chamou a atenção, falo do filme: “A invenção de Hugo Cabret” (Martin Scorsese, 2011), apresentado também na disciplina de Linguagem do Cinema e Educação na graduação. Tive a oportunidade de passar aos alunos do Ensino Médio esse filme, e percebi o quanto ficaram interessados pela obra. O filme revela de uma forma encantadora e envolvente parte da história do Cinema, evidenciando a história de vida do cineasta Georges Méliès.

A experiência do Estágio III foi com o ensino médio, mas minhas inquietações caminharam pelo desejo de saber de que forma as crianças se relacionariam com esse filme na escola? Parto do princípio de que trabalho em uma escola com crianças da Educação Infantil ao segundo ano do primeiro ciclo, e é nesse contexto que desenvolvi esta pesquisa de campo. Costuro assim meu problema de investigação, qual seja: **O que dizem as crianças da turma do primeiro ano do segundo ciclo da escola E.M.E.I.E.F Professor Moacyr Jardim de Menezes, sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e de que maneira esse dizer dialoga com o papel da arte na educação?**

A partir desse desafio, pontuo as hipóteses:

- Qual a importância de trazer a sétima arte para os alunos?
- As crianças são capazes de terem uma visão da história do Cinema no filme “A invenção de Hugo Cabret”?
- A fala das crianças sobre o filme dialoga com o papel da arte na educação?

Para melhor compreender essas e outras questões que cercam o problema dessa pesquisa, pontuo a seguir um desenho dos capítulos, seguido das questões metodológicas desse trabalho de conclusão de curso.

1.1. DESENHO DOS CAPÍTULOS

A presente pesquisa que se faz exigência do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, tem como objetivo: refletir sobre os dizeres das crianças sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e se estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação. Objetivo este que se propõe melhor compreender a relação entre cinema e educação sustentando as exigências da academia, portanto remeto-me a um diálogo teórico pertinente.

Como primeiro capítulo, apresento a própria introdução que de certa forma justifica essa proposta de pesquisa, traz também, as questões metodológicas e esse mapeamento dos capítulos. Para abordar as questões metodológicas o diálogo teórico acontece a partir de Minayo (2000) e Neto (2000); cercando a ideia do espaço de narrativa sustentado teoricamente por Honorato (2009).

No segundo capítulo, evidencio um breve histórico do ensino da arte no Brasil, contextualizando-a a partir do que dizem os documentos norteadores da educação, como por exemplo: os PCNs (BRASIL,1998). Também proponho como subcapítulo o papel da arte na educação e as crianças e as aulas de artes, dialogando com Ferreira (2001) e Pereira (2007).

Falo brevemente da criança e sua imaginação, no terceiro capítulo, na perspectiva do que defende o ensino de artes, para tanto pontuo um diálogo com Buoro e Costa (2007) e Pereira (2007). Mas é no capítulo quatro, que situo o espectador no filme proposto por essa pesquisa de campo, trazendo um breve histórico do cinema e contextualizando-o, falo do cinema e mídia em diálogo com a educação. Costuro assim um diálogo a partir de Almeida (2004), Fantin (2006) e

Modro (2005).

A pesquisa de campo, com as falas e dizeres das crianças, é apresentada e analisada no quinto capítulo, fazendo a análise das falas e dizeres e se estas reflexões dialogam com o papel da arte na educação. Bernardet (2006), Fantin (2009) e Silva (2009) fazem parte do corpo teórico dessas discussões.

E no sexto capítulo, proponho uma proposta de curso que traz uma mostra de cinema juntamente com uma oficina de cinema para a escola que foi realizada a pesquisa de campo. E finalmente as considerações finais em relação aos objetivos desta pesquisa.

Sobre as questões metodológicas, apresento o próximo subcapítulo.

1.2. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Como ponto de partida nesta pesquisa, remeto-me ao tema cinema e a educação, dentro da linha de pesquisa do curso de Artes Visuais - Licenciatura: Educação e Arte, seguindo seus princípios teóricos e metodológicos.

Com o título: **“A sétima arte na educação: reflexões a partir do filme “A invenção de Hugo Cabret” na fala das crianças”**. Proponho como problema de pesquisa: O que dizem as crianças da turma do primeiro ano do segundo ciclo da escola E.M.E.I.E.F Professor Moacyr Jardim de Menezes, sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e de que maneira esse dizer dialoga com o papel da arte na educação? Tema este que se enquadra enquanto uma pesquisa de natureza básica, que gera novos conhecimentos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista, também de cunho qualitativo e que se caracteriza enquanto pesquisa de campo. De acordo com Minayo (2000, p.21) a pesquisa qualitativa trata de questões específicas:

[...] ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Retomo ao que diz Minayo, quando fala de um espaço mais profundo das

relações. Relações estas, aproximadas pela pesquisa de campo, que se apresenta segundo Neto (2000, p.51), como: “[...] uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.”

Refletir acerca dos dizeres das crianças sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e se estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação, é o intuito principal dessa pesquisa. Para tanto a coleta das falas e dizeres ocorreu na escola E.M.E.I.E.F Professor Moacyr Jardim de Menezes com as crianças do primeiro ano do segundo ciclo.

Como opção metodológica, opto pelos espaços de narrativa. Formei, assim, uma roda de conversa com as crianças, sendo que foram filmadas, para fazer e ter uma melhor captação dos seus dizeres. Ouvir, analisar e refletir sobre a fala das crianças acerca do filme “A invenção de Hugo Cabret”, foi algo que se caracterizou enquanto metodologia como espaços de narrativa. Para Honorato (2008, p.116):

[...] espaços de narrativa são constituídos por narrativas orais, corporais, gestuais e visuais. Emergem quando se acredita na potencialidade da história de cada um, na constituição do sujeito fazedor da sua cultura, no valor da história narrada, na concepção da história descontínua.

Este espaço de narrativa foi filmado no dia 27 de setembro de 2013, na escola E.M.E.I.E.F. Professor Moacyr Jardim de Menezes. 16 alunos – entre 9 a 11 anos – assistiram ao filme na sala da biblioteca, preparada na intenção de melhor se aproximar de uma “sala de cinema”, escurecida e com som apropriado. O filme tem duração de 126 minutos, depois de assisti-lo, fizemos a roda de conversa e por último, as crianças desenharam sobre o filme.

A escola, na figura da diretora, autorizou pelo termo de consentimento (apêndice A), e os pais deram a autorização para o uso das falas, imagens e dizeres das crianças¹ (apêndice B), para essa pesquisa que busca estreitar a relação entre cinema e educação, ampliando possibilidades de melhor compreender a importância do cinema na formação do sujeito/criança e seu papel da arte na educação. As falas e dizeres das crianças foram analisados a partir das falas gravadas e transcritas,

¹É importante pontuar aqui, que apesar das crianças não terem assinado uma autorização, todos concordaram em participar, explicando para eles como ocorreria toda a pesquisa de campo, e que eles seriam protagonistas dessa história.

contemplo ainda uma análise – mesmo que sem muito aprofundamento - dos desenhos que cada um dos alunos fez no dia da pesquisa.

O encontro para passar o filme para as crianças e coletar os dados aconteceu durante uma manhã. Os alunos assistiram ao filme antes do intervalo do recreio e depois fizemos a roda de conversa e os desenhos. A professora que cedeu as aulas para que essa pesquisa acontecesse é formada em artes, ela autorizou a pesquisa assim como fez a diretora, embora isso não tenha acontecido oficialmente por entendermos (ela, eu e a direção da escola) que essa autorização não precisasse acontecer por escrito.

2 ARTE E ENSINO DA ARTE NO BRASIL: CONTE-ME ESSA HISTÓRIA

Para uma pesquisa deste propósito, que se dá num ambiente escolar, voltada para educação e arte, é importante nos situarmos no contexto de arte e ensino da arte de que defendemos. A arte é considerada uma das manifestações culturais mais antigas, pelo menos é o que se tem enquanto registro, nesse sentido, Bosi (2009, p.08) diz que:

[...] a arte tem representado, desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que as condiciona: o que nos leva a sondar o ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos.

Sendo assim, ela tornou-se parte da vida do homem pelo seu caráter motivador enquanto transmissor de cultura e sociedade, que narra sua visão de mundo. Comungo com o que diz Nunes (2010, p.15) sobre a arte, pois para ele a arte é “modo de ação produtiva do homem, ela é fenômeno social e parte da cultura. Está relacionada com a totalidade da existência humana, mantêm íntimas conexões com o processo histórico e possui sua própria história.” Para o autor “a arte vincula-se à religião, à moral, e a sociedade como um todo, suscitando problemas de valor (axiológicos), tanto no âmbito da vida coletiva como no da existência individual.” (idem). Quando falamos em arte e a vinculamos a um contexto histórico escolar, trazemos uma discussão que permeia sua importância no currículo escolar. Essa importância se dá no que afirma Eisner (1979 apud FERREIRA, 2001, p. 14):

[...] ao realizarem atividades artísticas, as crianças desenvolvem auto-estima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar, e fazer julgamentos e um pensamento mais flexível; também desenvolvem senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornam-se capazes de expressar melhor idéias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e todo e a entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo.

Encontro nos PCNs (BRASIL, 1998), uma história que revela que a arte na escola, no Brasil, passou por muitas reflexões, reorganizações, percorrendo assim um longo caminho, fazendo com que entre os anos 20 e 70, ocorressem também novas experiências e mudanças em muitas escolas brasileiras. Novos

conhecimentos foram adquiridos e algumas escolas sustentaram uma estética, um planejamento modernista para a época, bem como uma ampliação no âmbito da arte, ajudando na aprendizagem e na ampliação de novas visões e novos horizontes para o ensino da arte. Ele foi se transformando a cada tendência pedagógica, sendo que há uma grande diversidade de linguagens a se aprender sobre o ensino da arte, tais tendências acompanharam toda a história, desde o seu começo, revelando que anteriormente o ensino da arte, era conhecido como educação artística.

Tendências essas que passaram pela Pedagogia Tradicional, marcado pelo ensino mecanizado e com ênfase no professor enquanto suas informações como verdades absolutas; referindo-se a este momento, Fusari e Ferraz (2001, p.27), dizem que as:

[...] aulas de Artes das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estática mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem [...].

Mais tarde pela Escola Nova, centrando-se no aluno, um ensino de arte voltado para liberação emocional e desenvolvimento da criação. Depois pela Pedagogia Crítica buscando ênfase, de acordo com OCEM, em “[...] conteúdos histórico-sociais, valorizando os conhecimentos e os processos de aprendizagem pautados na cultura local (popular) e o repertório de saberes do estudante.” (BRASIL, 2008, p. 173).

Depois pelo Tecnicismo, voltado para preparo de profissionais, atendendo a expansão da tecnologia, momento em que centrava-se no “uso de recursos tecnológicos. Essa tendência enfatiza o estudo programado e o uso de meios audiovisuais e do livro didático. No ensino da Arte predomina o ‘receituário’ de técnicas artísticas ligadas à programação visual e à publicidade.” (BRASIL, 2008, p. 174)

Hoje o ensino da arte, engloba diversificadas linguagens em seu campo, mas nem sempre teve esta preocupação em atingir diversos tipos de conhecimento enquanto disciplina na matriz curricular ou ainda, a prioridade do professor ser graduado ou especializado em artes. Além da ideia de diversificadas linguagens, arrisco-me a dizer que são diversificadas também as metodologias de ensino, uma vez que as tendências tradicionais e contemporâneas se misturam em práticas

ecléticas, assumidas por professores que tentam encontrar seus caminhos. Nessa tentativa vou construindo um caminho que encontra na linguagem do cinema uma possibilidade de trazer esse hibridismo, propondo reflexões sobre o papel da arte na educação. Uma reflexão que toma a criança como sujeito ativo. Um sujeito que pensa, que participa, que deixa marcas e por isso faz a diferença.

Retomando essa história, é na década de 70, momento em que alguns professores preocupados com os encaminhamentos para o ensino da arte, criaram um movimento chamado de Arte-Educação, como consta na Proposta Curricular (SANTA CATARINA, 1998, p. 192):

Os professores sentiam-se confusos com relação aos rumos do ensino da arte, percebendo a importância de juntar forças para discussões, estudos, pesquisas e novas ações. Estava surgindo uma consciência mais reflexiva sobre o encaminhamento filosófico/metodológico para o ensino da arte.

Depois de algumas discussões ao longo dos anos sobre a obrigatoriedade do ensino da arte no currículo, os movimentos dos arte-educadores e principalmente pela conquista desses professores em 1988 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em alguns momentos contemplava os interesses de Arte, em outros extinguiu.

A disciplina de ensino de Arte passou a ter sua devida obrigatoriedade com a essa nova Lei a 9394/96 da LDB em todos os níveis de ensino. Conforme o artigo 26 "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". Neste momento, ela se tornava além da obrigatoriedade no currículo, a vinculação da importância do desenvolvimento dos educandos. Mais tarde, no ano de 2010 foi modificada, dando ênfase as expressões regionais, um olhar dá preferência para a cultura de cada um. Conforme a LDB, artigo 26, § 2º "O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos." (Título V, Cap. II, Art. 26, § 2º).

Percorreu-se assim, um caminho longo entre erros e acertos que construíram a história do ensino da arte. Por isso, no subcapítulo a seguir, trago o papel da arte na educação, não esquecendo que esta pesquisa se volta para um olhar mais específico na relação entre cinema e educação, considerando o cinema

uma das linguagens da arte.

2.1 O papel da arte na educação

A arte sempre se mostrou presente desde o início da humanidade, onde o homem expressava-se dançando, gritando ou cantando, conseguiam expressar sua cultura, alegria e seus pensamentos. Cada povo produziu sua arte para poder transmitir aos outros seus conhecimentos, desde os povos da pré-história até os dias atuais, cada cultura, cada gesto, figura, onde de alguma forma retratam o que pensam.

Faz parte do ser humano, representar suas ideias de uma forma fácil de comunicação entre todos; tais formas de comunicação podem ser compreendidas e expressadas melhor a partir de que:

[...] ao representar as ideias, o indivíduo o faz por meio de uma simbologia muito pessoal e que caracteriza as diferentes linguagens artísticas: ora nos valem dos símbolos lingüísticos, ora dos códigos corporais, ora dos musicais ou plásticos. Esse procedimento não é apenas apresentar ou comunicar ideias e sentimentos, mas expressá-los aliando o real e o imaginário, a razão e a emoção perpassadas pelo que mais refinado habita em nós: nossa capacidade de criar e sonhar e, com isso, elaborar conhecimentos que nos humanizam. (KEHRWALD, 1999 apud PILLOTTO, 2008, p. 42)

Portanto, as diversas linguagens da arte são relevantes na formação do gosto estético e contribuindo na formação da personalidade do cada indivíduo. Possibilitando seres mais sensíveis, pensadores e críticos. Para este pensamento remeto-me a fala de Lancri (2002 apud LEITE, 2008, p. 29):

[...] a educação dos sentidos e da percepção amplia nosso conhecimento do mundo, o que vem reforçar a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas.

É através da arte, que conseguimos expressar tudo o que estamos sentindo, seja com expressão corporal, olhares, movimentos e até mesmo palavras, sendo que todas estas formas de expressão estão ligadas ao nosso modo de agir e à nossa imaginação, o que possibilita a criação de universo de esperança,

sensações, sonhos, realidade e criatividade nas descobertas das mais variadas emoções na arte de viver.

Sendo assim, a arte acaba se tornando algo diretamente ligado à nossa capacidade de percepção, ampliando nosso conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo, uma forma mais significativa em aprender, e esse é o papel dela: desacomodar olhares. E para alguns autores, a importância se dá no reconhecimento da arte, como coloca Ferreira (2001, p. 15):

[...] o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que para elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos.

Mas pensando agora na arte enquanto seu papel na educação, encontro nos documentos vertentes da educação sua principal objetividade. Como consta na Proposta Curricular de Santa Catarina:

Um ensino de arte que propicie ao aluno o desenvolvimento das possibilidades de ver, ouvir, interpretar e julgar as qualidades dos objetos artísticos e das manifestações culturais; deve compreender os elementos e as relações significativas ali estabelecidas e, assim, oportunizar o conhecimento de que é portador o objeto. (1998, p. 195)

Complementando essa discussão, ainda podemos dizer sobre o papel da arte na educação – considerando o que traz os PCNs – que:

O intuito do processo de ensino e aprendizagem da arte é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade. (BRASIL, 2000, p. 50)

Partindo do princípio que esta pesquisa tem por base a arte e a educação, evidenciando a linguagem do cinema e de seu papel enquanto arte, que de acordo com Bourdieu (1979, apud DUARTE, 2002, p. 13) “a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de competência para ver”. Quando se assiste a um filme aprimoram-se sentidos, nos transformamos em cidadãos críticos, pelos diversos significados que os filmes nos possibilitam. Então podemos dizer que o cinema pode educar?

O cinema como um todo influencia nosso olhar e por que não dizer a nossa vida! O cinema e sua linguagem da sétima arte trazem também vivências para a sala de aula estreitando relações com a criação e a imaginação. Nesse contexto faço opção por falar das crianças e as aulas de artes, propriamente ditas.

2.2 As crianças e as aulas de artes

As aulas de artes são espaços privilegiados para a criança, em termos de criação, partindo de propostas pedagógicas através da vivência do seu cotidiano e cultura. Como cita Pereira (2007, p. 11):

Significa que, ao criar, os limites não são rígidos entre aquilo que um aluno sabe, as sugestões do colega, as intervenções do professor, o que foi visto na televisão, a história da avó. Tudo contribui para a criação. Os processos criativos em sala de aula são articulações entre saberes historicamente construídos dentro de determinada cultura.

Ou seja, tudo o que a criança vivência influencia no seu fazer artístico. Também, é de suma importância que o aluno compreenda esse fazer artístico e que o professor saiba para quê ensina. Conforme Almeida (2001 apud FERREIRA, 2001 p.13): “O mínimo que se espera de alguém que ensina é que saiba por que ensina! É fundamental saber o que os alunos aprendem quando trabalham com artes, porque é esse conhecimento que confere segurança e excelência ao trabalho do professor.” O aluno tem o direito a uma educação de qualidade, e o professor deve buscar surpreendê-lo com um cenário em que possa melhor exercitar sua capacidade criativa, dialogando com o que propõe Martins (1998, p.145), ou seja: “[...] é preciso oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. Para isso, é preciso selecionar meios acessíveis à realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, inovar, ousar.”

A linguagem do cinema pode trazer essa rica aprendizagem ao educando, pois ela aborda diversas linguagens artísticas e o professor propositivo pode trazê-la para sala de aula. Como coloca Almeida (2004, p. 49) sobre apropriação de filmes na sala de aula:

Sua utilização na educação é importante porque trazem para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vivido e fundamental: participante ativa e criativa dos movimentos da cultura, e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados e inadequados para a educação de uma pessoa que já está imersa e vive na cultura aparentemente caótica da sociedade moderna.

Devemos refletir enquanto professores/espectadores na escolha dos filmes que se leva para a sala de aula para o aluno não ficar imerso ao que já lhe é proposto diariamente pelo canal aberto de televisão, por exemplo. A preocupação aqui é trazer filmes para o educando de forma a valorizar a arte do cinema. Refletindo nessa perspectiva, Duarte (2002, p. 85 e 86) pontua que:

Cinema e escola vêm se relacionando um com o outro há muitas décadas, embora ainda não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas. [...] Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. [...]

Ou ainda, a facilidade que a linguagem do cinema propõe na perspectiva de trabalhar os filmes para melhor entendimento e compreensão do aluno, como reflete Fantin (2008, p. 52):

[...] tão importante quanto saber como as crianças se apropriam das produções culturais – seja como ferramentas, seja como formas de expressão – é saber como elas interpretam e reelaboram tais informações em suas formas e conteúdos. Para isso, o cinema é uma importante possibilidade de mediação.

Assim, o cinema pode contribuir na compreensão do aluno com relação à um melhor entendimento de sua realidade e da cultura, pelos elementos que ele – o cinema – envolve e pela forma que nos convida, nos envolve. Almeida (2004, p. 32) nos coloca as duas oportunidades que o cinema nos dá, enquanto fruição e apropriação e também enquanto conhecimento para educação:

[...] o cinema não é só matéria para fruição e a inteligência das emoções; ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicitação, demonstração e afirmação de ideias, ou negação destas, mas como produto da cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados [...]

Com o filme “A invenção de Hugo Cabret”², evidenciado neste trabalho, proponho na sua história, uma vivência aos alunos, pela linguagem, a história e as nuances do cinema. Além de ser um filme que mexe com a imaginação das crianças e adultos, trabalha com o inconsciente desvelando uma história em sonhos e fantasia, e esse é o poder dos filmes. Como inspira Metz (2002 apud FANTIN 2008, p. 53):

Por permitir a sensação de sonhar acordado, o cinema também organiza imagens no inconsciente e por vezes sugere certos conceitos. Distinguindo o cinema de outras mídias em relação a seus meios expressivos, é justamente a natureza “imaginária” do significante fílmico que faz dele um catalisador tão poderoso de projeções e emoções.

A criança pode ver nos filmes a possibilidade de sonhar, mesmo que somente naquele momento, e o poder da imaginação que lhe é causado, constrói conceitos e mudanças em sua vida pessoal e escolar. Por isso, no capítulo a seguir, falo sobre criança e imaginação na perspectiva que defende o ensino de artes.

²Filme do diretor Martin Scorsese, ano 2011, do gênero aventura, produzido por EUA. Sinopse: Quando descobre um segredo deixado por seu pai, o esperto e criativo Hugo revela um mistério e inicia uma missão que vai transformar todos os que estão ao seu redor, até chegar a um lugar adorável que vai se tornar seu lar. O ganhador do Oscar Martin Scorsese convida para viver uma comovente jornada que os críticos estão considerando “a matéria-prima de que os sonhos são feitos”.

3 CRIANÇA E IMAGINAÇÃO

Costuro nesse capítulo, uma breve reflexão sobre a criança e sua imaginação, não esquecendo que a linguagem do cinema pode trazer à criança uma nova possibilidade de sonhar e criar no mundo da arte, na perspectiva de ressignificar sua história. Conforme Buoro e Costa (2007), a arte inspira a educação nas crianças, tornando-se um método mais fácil e prazeroso de se aprender, fazendo despertar na criança a imaginação de criar, modificar e ampliar seus desejos de forma simples e grandiosa que as levem ao mundo totalmente diferente do que estão acostumadas a viverem.

Através desta capacidade imaginativa, a criança consegue dar um novo sentido à vida, criando múltiplas ações, uma nova visão e possibilidades de mudanças, construindo formas de descobrir a vida, através de momentos já vividos. Usar novas formas está diretamente ligado à criatividade, o que caracteriza, a partir da escrita de Leite (1994 apud SANTA CATARINA, 1998, p. 207):

A criatividade é uma dimensão da existência humana que evidencia o potencial do indivíduo para mudar, crescer e aprender ao longo da sua vida. A capacidade criadora está comumente associada ao processo de viver e organizar experiências vividas, ampliando o repertório existencial do indivíduo.

O professor busca dar oportunidade para que a criança utilize sua criatividade e imaginação de forma livre, oferecendo diversas possibilidades, sem restrições, medo, e sim, através da arte expressar tudo o que sente e o que se passa na sua vida, buscando uma maior aceitação diante dos outros e um maior conhecimento e aprendizagem de todos os assuntos que a envolvem. A criança busca essa aceitação tanto dos colegas, quanto do professor. “Quando os alunos criam a partir das propostas do professor, interpretam aquilo que é pedido e procuram corresponder a certa expectativa – do professor e dos colegas”. (PEREIRA, 2007, p.11)

Podemos dizer também que a imaginação é a base da criação, as crianças recriam o que já lhes é de seu conhecimento juntamente com sua vivência. Vygotsky (1987 apud FERREIRA 2001, p. 151) afirma que:

[...] a imaginação não se limita à reprodução de imagens historicamente constituídas, mas, com base nelas, cria novas combinações. Experiências históricas e culturais influem na imaginação individual e é pelo enlace emocional que são selecionados os pensamentos, as imagens e as expressões.

A capacidade de imaginar das crianças é evidenciado no filme, em várias cenas. Cito aqui as figuras de Hugo e Isabelle, no momento em que falavam de livros ou filmes, viam a possibilidade dos seus sonhos se tornarem reais. Selznick (2007) relata sobre Hugo, do momento em que encontra o livro na biblioteca que falava sobre George Méliès em relação a sua percepção enquanto diretor de cinema: “Foi um dos primeiros a demonstrar que os filmes não tinham que refletir a vida real. Logo se deu conta de que o cinema tinha o poder de capturar sonhos.” (2007, p. 354 e 355)

Podemos refletir sobre a imaginação das crianças com o filme, no momento em que elas o assistiam, imaginando o que aconteceria em cenas do filme, antes de acontecê-las. Como constam alguns exemplos no subcapítulo desta pesquisa, “5.2 O que as crianças falam sobre o filme”.

O filme “A invenção de Hugo Cabret” apresenta a linguagem da sétima arte, pela história do cinema a partir da vida de um garoto chamado Hugo, que se depara com esse mundo do cinema em meio a um mistério que envolve misturando realidade e ficção. O próximo capítulo apresenta essa história, buscando relações entre história do cinema; cinema/educação e o olhar do espectador.

4 O FILME QUE TRAZ A HISTÓRIA DO CINEMA CONTADA PELO CINEMA

O cinema a partir da história contada no filme “A invenção de Hugo Cabret” de Martin Scorsese (2011) é fio condutor desse diálogo, o qual se propõe enquanto diálogo com a história do cinema trazida no livro “A invenção de Hugo Cabret” de Brian Selznick (2007). Na opção por um começo, segue parte dessa história.

4.1 A sétima arte: o começo

O princípio dessa história da sétima arte, segundo Morettin (2009), se dá em 28 de dezembro de 1895, quando os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière, após construírem uma câmera de filmagem, gravando suas primeiras imagens em movimento, chamado de *Cinematographe*, exibiram pela primeira vez em público e comercialmente em um circo em Paris no *Grand Café do Boulevard des Capucines*. Esses filmes tinham a duração em média de um minuto e traziam cenas do cotidiano.

Um dos filmes que mais marcou o público foi “*A chegada de um Trem à Estação de Ciotat*”, por se tratar de um trem chegando à estação que vinha em direção à tela, dando a impressão de que ia atingir os espectadores. Apesar dos irmãos Lumière terem investido no cinema, apreciadores e estudiosos interessaram-se pela proposta, de acordo com Alzugaray (s/d, p.144):

Logo os irmãos começaram a enviar operadores de câmera para gravar notícias pelo mundo. Entretanto, quando Louis abandonou o cinema, o público estava ficando mais exigente e havia a concorrência da Gaumont e da Pathé, e do diretor George Méliès.

George Méliès, um mágico ilusionista – apaixonou-se pelo desafio de transformar a realidade dos filmes nos sonhos dos espectadores. Teve uma carreira de mais de 500 filmes, e que o transformou num cineasta famoso que marcou o início dessa história.

Pensando no cinema, e nas transformações no nosso tempo, podemos dizer que Méliès também não imaginaria que o cinema, tornar-se-ia uma linguagem da arte significativa. Faço no subcapítulo a seguir, uma breve introdução ao cinema

estreitando sua relação com a mídia-educação, relacionando-o com sua importância no âmbito escolar.

4.2 Cinema e mídia em diálogo com a educação

Os filmes tornaram-se parte de um mundo tecnológico visto em diversos tipos de mídias como: televisão, vídeos, internet, DVDs, celulares, etc. As escolas cada vez mais têm recursos de acesso a esses tipos de mídia para envolver os alunos, que nascem e crescem rodeados desses meios tecnológicos. Os professores desenvolvem metodologias que possam entreter e ensinar aos alunos de modo a envolvê-los nos conteúdos. Conforme Modro (2005, p. 09):

Pode-se perceber que a escola vem buscando uma modernização e atualização de suas metodologias de ensino, mas isto não implica em dizer que a figura do professor será transformada em algo obsoleto. Na realidade, a busca é pela inovação, pela inclusão de aparatos tecnológicos que possam auxiliar o professor no seu trabalho de ensinar, tornando o processo de aprendizagem por parte do aluno em algo mais perto de sua realidade e consequentemente mais agradável.

Mas a grande preocupação com o cinema na educação é a forma como é abordado na escola. Como reflete Almeida (2004, p. 07): “Quando se fala de cinema, vídeo e televisão na escola, geralmente encaram-se essas produções como ilustrações – o professor passa um filme para ilustrar o que foi falado. Nesse caso fica evidente que o filme assume um papel secundário.” Por essa questão o autor coloca que:

[...] é importante não ver o cinema como recurso didático ou ilustrativo, mas vê-lo como um objeto cultural, uma visão de mundo de diferentes diretores e que tem uma linguagem que performa uma inteligência verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem diferente da linguagem verbal. (ALMEIDA, 2004, p. 07).

Nas diversas possibilidades de trabalhar o cinema no âmbito escolar, encontro com Fantin (2006, p. 103) um dizer que “[...] a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos.”

Além de ser uma linguagem da arte que inclui diversas outras linguagens

de arte, ela sempre tem algo a nos dizer. O dicionário teórico e crítico de cinema de Jacques Aumont e Michel Marie traz essa reflexão:

Ver um filme é, antes de tudo, compreendê-lo, independente do seu grau de narratividade. É, portanto, que, em certo sentido, ele “diz” alguma coisa, e foi a partir desta constatação que nasceu, na década de 20, a idéia de que, se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem. (RAMOS, 2009, p. 73)

Como é o caso do filme que trago enquanto proposta de pesquisa neste trabalho acadêmico. Portanto meu problema de pesquisa se costura em saber o que dizem as crianças da turma do primeiro ano do segundo ciclo da escola E.M.E.I.E.F Professor Moacyr Jardim de Menezes, sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e de que maneira esse dizer dialoga com o papel da arte na educação?

O livro de Brian Selznick (2007) traz a história do cinema contada pela vida do cineasta George Méliès, a partir de um personagem fictício chamado Hugo Cabret (livro e filme), “A invenção de Hugo Cabret” de Martin Scorsese (2011) é uma história que alimenta o próximo sub-capítulo.

4.3 “A invenção de Hugo Cabret”: o olhar do espectador

A pesquisa em cena tem como fio condutor a fala das crianças sobre um filme que foi inspirado e baseado no livro chamado: A invenção de Hugo Cabret de Brian Selznick (2007); filme do diretor Martin Scorsese (2011), diretor de muitos filmes de ação. É contemplado como o diretor americano “[...] dos mais brilhantes cineastas contemporâneos. Scorsese combina técnica e emoção com um forte impacto visual.” (ALZUGARAY, s/d, p. 211).

O filme de classificação livre, em 3D, foi vencedor de cinco *Oscars*, nas categorias: direção de arte, edição de som, efeitos visuais, fotografia e som. E conta com os atores: Asa Butterfield (Hugo), Chloe Moretz (Isabelle) e Ben Kingsley (George Méliès).

O livro tem quinhentas e trinta e três páginas, o texto e as ilustrações são de Brian Selznick, e o filme é totalmente inspirado nestas ilustrações, inclusive algumas falas do livro são exatamente como no filme. Selznick (2007, p. 374) diz no livro que: “Se você perder sua motivação... é como se estivesse quebrado.” Essa é

exatamente a fala de Hugo no filme, o qual nos conta a história de um garoto chamado Hugo Cabret, um menino que vive na estação de Paris. Perdeu o pai num incêndio em seu local de trabalho, ficando apenas com um boneco mecânico (autômato) que ele encontrou no museu e que os dois tentavam consertar.

Com a morte do pai, o garoto inicia uma busca incessante pelo mistério deste autômato, e para isso, precisa consertá-lo, roubando as peças na loja de brinquedos da estação. O dono da loja é um senhor de idade que esconde sua identidade, frustrado pelos acontecimentos de sua vida. Tentando não ser descoberto, se depara com o seu passado frente ao garoto ao encontrar com ele, um caderno com anotações sobre o autômato. Irritado com o que vê, toma o caderno do garoto Hugo, que se vê perdido sem o mesmo.

Sem entender o porquê de o homem tomar-lhe seu caderno, vai à busca do mesmo na casa do velho homem, encontrando uma garota chamada Isabelle, que promete lhe ajudar a recuperar o caderno de anotações. Depois de muito insistir ao senhor da loja, o garoto lhe convence a devolver-lhe em troca de trabalhar para ele, ajudando-o na loja. Durante algum tempo, trabalhando na loja do homem para recuperar seu caderno, juntamente com a ajuda de sua amiga Isabelle, que foi ver em Hugo a esperança de uma jornada de aventuras para descobrir o mistério deste autômato. Em meio a este caminho, as duas crianças se deparam com a história do cinema a partir da vida do cineasta George Méliès³.

O filme conta-nos em meio a uma história de aventura, numa visão encantadora e mágica, o surgimento do cinema, desde os irmãos Lumière até a primeira guerra mundial, quando o cinema é deixado de lado e tem muitos filmes perdidos e destruídos devido aos acontecimentos da guerra.

É interessante pontuar que no filme, de acordo com o cineasta Martin Scorsese no *making of*⁴ do DVD, traz figuras importantes no cenário artístico. Numa das primeiras cenas em que Hugo é perseguido na estação pelo inspetor, o diretor tem a sensibilidade de colocar Jean “Django” Reinhardt⁵, tocando com a banda,

³No ano de 2012, o MIS – Museu da Imagem e Som de São Paulo – aqui no Brasil, apresentaram uma exposição da sua vida e obra de George Méliès, a exposição teve duração de 04 de julho a 16 de setembro, com uma variedade de suas obras artísticas.

⁴Making of é uma palavra em inglês que se refere à gravação de momentos importantes do filme, escolhidos e selecionados para compor o DVD final.

⁵Figura 1: Jean “Django” Reinhardt foi um guitarrista muito importante de jazz, de origem cigana. Considerado um dos melhores, influenciou vários músicos e ajudou a criar o estilo gypsy jazz.

numa passagem sucinta e rápida em meio à perseguição. Também James Joyce⁶, famoso romancista e poeta; com Salvador Dali⁷, grande pintor surrealista, sentados num café, na mesma mesa, conversando e ao mesmo tempo, surpreendidos em meio à confusão e perseguição do garoto Hugo.

Figura 1 – Cena do filme: guitarrista Jean “Django” Reinhardt



Fonte: <http://ohomemquesabiademasiado.blogspot.com.br/2012/02/as-figuras-artisticas-no-filme-de.html>. Acesso em: 03 de outubro de 2013

Figura 2 – Cena do filme: escritor James Joyce e o pintor Salvador Dali



Fonte: <http://ohomemquesabiademasiado.blogspot.com.br/2012/02/as-figuras-artisticas-no-filme-de.html>. Acesso em: 03 de outubro de 2013

Outro momento interessante e marcante no filme se dá quando o menino Hugo está sonhando e o trem descarrila na estação, desenfreado pela velocidade e juntamente com o efeito do cinema em 3D, dá a impressão de que vai sair da tela indo na direção do espectador.

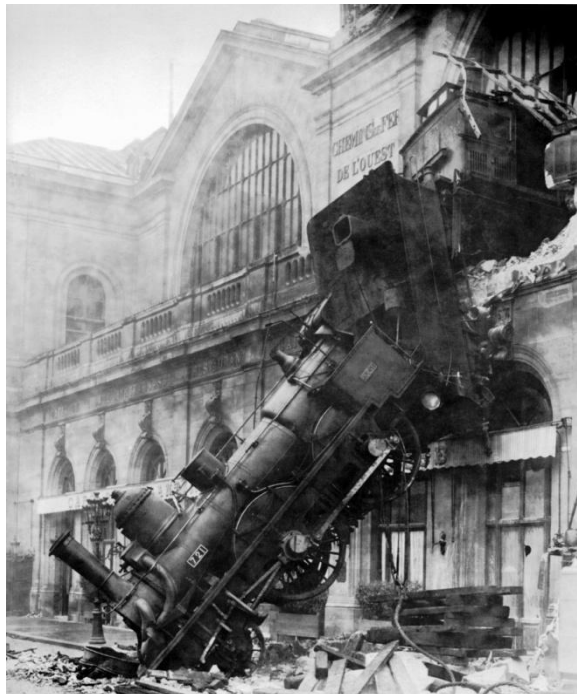
⁶Figura 2: James Joyce foi um grande romancista e poeta e é considerado um dos autores de maior relevância do século XX.

⁷Figura 2: Salvador Dali foi um importante pintor surrealista, que também teve trabalhos artísticos no cinema.

Essa cena faz relação ao primeiro filme exibido dos irmãos Lumière, em que o público se assusta com a imagem em movimento, vindo em direção do público. Mas principalmente, essa cena de seu sonho, remete ao acidente verídico que aconteceu em 1895 numa estação de Paris, 36 anos antes, que foi um dos acidentes mais marcantes com trens. Como também consta no livro:

Hugo também tinha ouvido histórias sobre o acidente desde que era bem pequeno. Um trem tinha entrado na estação em alta velocidade. Os freios falharam e o trem derrubou os obstáculos, descarrilou, rolou pela estação, atravessou duas paredes e voou pelo vitral afora, espatifando o vidro num bilhão de pedacinhos. (SELZNICK, 2007, p. 381)

Figura 3 – Foto do trem descarrilado na estação



Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/01/20/a-caida-do-trem/>
Acesso em: 03 de outubro de 2013

O filme também traz cenas reais de outros filmes marcantes no cinema, cenas com apenas segundos, mas que fazem um apanhado geral dos primeiros filmes da história do cinema e de cenas inesquecíveis. Scorsese traz nesse filme, diversas histórias que marcaram sua infância. Como coloca Boscov (2012, p.123):

Tão forte é o desejo de Scorsese de falar a elas que, por vezes, seu filme freia para que se faça uma ou outra exposição didática. Nada, porém, que tolde o deleite de ver projetadas na tela grande (oportunidades raríssima hoje em dia) as imagens fantásticas com que Méliès inaugurou uma era – a dos séculos do cinema.

De acordo com a autora, quando ela fala da exposição didática desse filme contando a própria história do cinema, o que nos permite enquanto espectador um momento de contemplação de vários filmes. O meu encantamento com o mesmo foi à mistura do fictício com a realidade. Apesar dos alunos não evidenciarem diretamente essa preocupação, o fato de Scorsese trazer a história do cinema e suas nuances, encantando e ensinando sobre cinema e essa linguagem. Não se pode esquecer que o filme traz essa história, mas não deve ser apenas o único suporte para este conteúdo. Conforme Modro (2005, p.10): “O filme pode ser um estímulo para uma aprendizagem mais ampla de determinado assunto, nunca seu substituto, mas sim uma referência ficcional que leva a uma interpretação da realidade circundante.”

É papel do professor/espectador, oportunizar o acesso a filmes de qualidade estética aos seus alunos. Mesmo que cada um tenha sua maneira em adquirir conhecimentos e conceitos sobre determinado assunto, neste caso, sobre cinema. Por isso, a importância em propor o filme: “Nesse sentido, a mídia-educação é fundamental, pois implica um trabalho de educação para, com e através das mídias, e, no caso específico do cinema.” (FANTIN, 2006 apud FANTIN, 2008, p. 55).

Aqui revelo parte do meu encantamento, tentando o diálogo com autores que falam de cinema e mídia, mas cercado o que proponho enquanto pesquisa, faz-se necessário ouvir as crianças. No próximo capítulo, trago a pesquisa de campo: a fala das crianças assistindo o filme, as suas falas na roda de conversa e uma breve análise dos registros (desenhos) feitos por elas.

5 AS CRIANÇAS ASSISTEM O FILME “A INVENÇÃO DE HUGO CABRET”

No dia 27 de setembro de 2013 na escola E.M.E.I.E.F. Professor Moacyr Jardim de Menezes, 16 crianças do primeiro ano do segundo ciclo, assistiram ao filme⁸, com duração de 126 minutos. O mesmo conta a história do cinema a partir da vida e obra do cineasta George Méliès. O intuito principal desta pesquisa é refletir sobre os dizeres das crianças a partir deste filme e como estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação.

5.1 No contexto da escola do Ceará

A escola do município de Criciúma onde esta pesquisa foi realizada, encontra-se no bairro Ceará, localizado na região da grande Próspera. É uma escola pequena com apenas seis turmas, com um pouco mais de 140 alunos. Diferente da maioria das escolas da rede do município, no ano de 2003, juntamente com o apoio da Secretaria de Educação, implantaram uma organização na estrutura de ensino, os Ciclos de Formação⁹. O dia a dia da escola formada por ciclos acontecem diferentemente da seriada (por séries); o Ensino Fundamental passa de oito para nove anos, e é dividido em 3 ciclos de 3 anos cada, compreendendo 3 fases do desenvolvimento humano: a infância, a pré-adolescência e a adolescência; onde são agrupadas por idade.

Optei pela turma do primeiro ano do segundo ciclo (correspondente ao 4º ano), com faixa etária de 09 a 11 anos¹⁰, podendo assim, ter experiências mais significativas e que pudessem contribuir com o objetivo deste trabalho. Também por todos os alunos não conhecerem o filme “A invenção de Hugo Cabret” e ainda não terem participado (até onde tenho conhecimento) de uma pesquisa de campo com a proposta de espaço de narrativa, isso também tornou a proposta interessante. Esta sala era de 25 alunos, mas no dia da pesquisa de campo, vieram somente 16 crianças.

⁸Filme da proposta de campo: A invenção de Hugo Cabret.

⁹Resolução 004/2004.

¹⁰Apenas um dos alunos tem 14 anos.

Trabalho nessa escola, atuando na turma do 2º ano do 1º ciclo, uma vez que assumi o papel de segunda professora, acompanhando e auxiliando no aprendizado de dois alunos com necessidades educativas especiais. Depois de ter passado o filme para os alunos que contemplo nessa pesquisa, passei também nessa turma. Conto isso porque me aconteceu um fato significativo: Estávamos na sala de aula fazendo um trabalho com colagens de revistas, quando um dos alunos me abordou para me mostrar uma das páginas da revista que procurava figuras, e se tratava de um artigo sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” da revista *Veja*¹¹. O aluno de 8 anos, reconheceu a reportagem pelas imagens, o que me causou grande alegria pelo reconhecimento.

Além de contar essa história aqui, utilizei também este artigo como fonte de pesquisa para este trabalho. Mas são as falas das crianças no espaço de narrativa, que serão matéria principal de análise dessa pesquisa. No subcapítulo a seguir, encontra-se a análise das falas e dizeres das crianças no contexto da escola do Ceará – como é chamada a E.M.E.I.E.F. Professor Moacyr Jardim de Menezes.

5.2 O que as crianças falam sobre o filme

Neste subcapítulo, faço uma análise das falas, antes, durante e pós conversa sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret”. A importância dessas três fases para análise se dá em diálogo com que afirma Almeida (2004, p. 41): “[...] o cinema existe antes e depois da projeção do filme... as interpretações, as conversas depois do filme são coisas do cinema.” Evidencio algumas falas mais marcantes, como por exemplo, antes de começar o filme, no menu inicial, a música de fundo juntamente com os barulhos sonoros de máquinas de relógios trabalhando, deixa no ar um suspense. O Aluno Marcos (10 anos) pergunta a professora regente da sala: – *É de terror?*

Devido as suas vivências fílmicas, o aluno deduz que o filme seria de terror. Para esta fala, remeto-me a reflexão de Fantin (2009, apud GIRARDELLO, 2009, p. 55):

¹¹Revista *Veja*, editora ABRIL, edição 2256 – ano 45 – nº7, 15 de fevereiro de 2012.

Os olhares das crianças estão atravessados pelas mediações do mundo adulto em suas diversas expressões através da cultura. É nas falas das crianças é possível perceber obviedades, estranhamentos e sofisticadas impressões que desafiam nossa capacidade de interpretar os possíveis significados [...].

Durante o filme, outras falas que encontram eco no pensamento de Almeida são José Victor (9 anos), Evilin (11 anos) e Paulo (10 anos), que fizeram comentários durante a exibição do filme.

José Victor traz na sua fala, detalhes que na maioria das vezes passam despercebidos pelas outras crianças e também em seus comentários durante o filme traz enquanto curiosidade o personagem do autômato (robô). Como exemplo trago, umas das primeiras cenas do filme, em que Hugo se vê em frente ao autômato pensando em como fazê-lo funcionar; José Victor diz: – *Tem que dar corda!* Outra cena em que posso citar, quando Hugo leva Isabelle no cinema, assistindo filme e são pegos pelo monitor do cinema; José Victor comenta: – *Bem na parte boa do filme!* Revelando seu espanto sobre as crianças do filme serem pegas de surpresa no momento mais interessante do filme que assistiam no cinema. E ainda numa terceira cena quando o autômato funciona pela primeira vez, José Victor comenta: – *Ele tem mãos diferentes! Uma diferente da outra!* E por último, ele deduz o que o menino Hugo vai fazer, depois de Méliès ter lhe contado a história do seu autômato quando corre para estação para buscá-lo, diz: – *Ele vai lá pegar o robô e vai trazer!*

Por seus comentários, José Victor enxerga detalhes no filme como um bom espectador, que vê além, que conhece filmes e que pela sua experiência com os filmes percebe preciosidades, às vezes, passadas despercebidas pelos outros colegas; ou ainda suas compreensões das cenas, quando ele advinha o que vai acontecer em seguida revela uma percepção ágil. Costa (1987, p.44) reflete sobre essa compreensão e percepção quando diz que: “A correta compreensão de um filme e o prazer estético que dele se extrai podem depender também de uma série de informações que orientam nosso olhar, que nos fornecem as regras para entrar mais agilmente no jogo a que o filme nos convida.”

Evilin, outra criança, trouxe comentários diferenciados em diversos momentos do filme. Mas também algumas deduções do que viria a acontecer, como quando traz em sua fala da cena em que o autômato está começando a desenhar a imagem do foguete na lua do filme: – *Ele tá fazendo um foguete na lua. O que o Pai dele assistiu!* Enquanto as crianças tentavam deduzir o que era o desenho. Outra

cena de percepção de Evilin é quando Méliès está contando sobre a sua história com o cinema, e ele aparece bem mais jovem e algumas crianças não o reconhecem e ela coloca: – *Esse é o tio da guria!* (Se referindo à personagem Isabelle). Surpreendeu-se com as cenas do sonho de Hugo e comentou: – *Que massa, ele sonhou que tava sonhando!* E comentou sobre a cena em que Méliès falava de sua primeira experiência com o cinema, em assisti-lo pela primeira vez o filme dos irmãos Lumière, quando as pessoas se assustam da cena do trem chegando à estação, refletindo sobre o susto do público: – *Não é 3D!*

A menina Evilin constrói durante a exibição do filme, uma função de narradora ou intérprete de certas cenas em seus comentários. Ou quando faz o comentário do porque as pessoas se assustaram com o trem chegando à estação afirmando que o filme não é 3D. Isso mostra seu conhecimento sobre cinema, que de acordo com Silva (2009, p. 53): “As crianças são narradores, portanto produtores de cultura enquanto são produzidos pela cultura, aqui representada não só pelo filme, mas pela ida ao cinema e todas as questões que o cercam.”

Outra criança que me chamou atenção nos seus comentários foi Paulo, trazendo nas suas falas interpretações antecipadas de cenas e acontecimentos que apareceram no filme. Como quando Isabelle pergunta a Hugo se ele não gosta de ler livros, Paulo comenta como se fosse Hugo e antecipando o que diria o personagem: – *Por que eu não sei ler!* Num seguinte momento quando as crianças estão no quarto escondidos na casa de Méliès procurando pistas do seu passado, na cena em que aparece o guarda-roupas, e Paulo deduz: – *Ali em cima, fundo falso!* Ou ainda na mesma cena quando a cadeira está prestes a quebrar no quarto, ele diz: – *A cadeira vai quebrar, vai cair cara!* Outro momento é durante o filme, quando aparecem cenas de Méliès com cartas, Paulo coloca: – *Eu acho que ele é mágico, pra fazer aquilo com as cartas!* Uma das cenas em que Paulo se surpreendeu foi quando apareceu a cena do trem descarrilando na estação no sonho de Hugo: – *Todo mundo pensou que era de verdade!* Já em seguida, quando Hugo sonhava novamente ele deduziu que fosse outro sonho.

Pelas falas de Paulo, podemos sentir que ele realmente mergulha no filme, como se fosse um dos personagens, tentando desvelar o mistério da história. Silva (2009, p. 48), propõe essa imaginação quando assistimos a um filme:

Muitas vezes nos permitimos, por um tempo, não perceber/separar o que é real e o que é fantasia. Ficamos mergulhados em uma cumplicidade que caminha com o olhar da câmara, que se assusta com o barulho do tiro ou chora com o (re)encontro dos apaixonados, tornando indistintos vida e filme, realidade e fantasia, pelo menos por algum tempo.

Todos estes comentários das crianças trazem na sua complexidade, o sentido que eles atribuem à realidade do filme, quando eles tentam imaginar o que está para acontecer nas cenas. E apesar de ser um filme que traz à história do cinema, contemplando a vida e obra do cineasta George Méliès, a criança faz a interpretação da realidade do filme, não se preocupando – aparentemente – com o que é fictício e o que é verídico para história do cinema. Nesse sentido pode-se dizer que: “Todos os filmes são apenas uma representação do real, trata-se da realidade transposta para a imagem pelo ponto de vista de algumas pessoas que o realizam, e mesmo os filmes que se propõem a realizar um resgate do histórico fiel [...]” (MODRO, 2006, p. 12)

Há pouco tempo, escutei duas pessoas conversando sobre o filme *Titanic*¹². Comentava da história triste do navio Titanic que naufragou no Atlântico, batendo em um iceberg, deixando milhares de vítimas. O assunto surgiu pelo violino recentemente leiloado por três milhões de dólares, encontrado nos braços do violinista afogado. Uma das pessoas levantou enquanto questionamento sobre a história do casal Jack e Rose (personagens principais), sobre a veracidade da história de amor. O fato de o filme relatar um acontecimento real e a história do navio ser contada pelos dois personagens faz o espectador se questionar o que é real e o fictício no filme. Essa ilusão também é encontrada no filme “A invenção de Hugo Cabret” na história do menino Hugo, personagem principal do filme, se realmente foi realidade sua história no filme. E de acordo com Bernardet (2006, p.12), damos um nome para este aspecto: “Essa ilusão de verdade, que se chama impressão da realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema.” O subcapítulo a seguir, traz as falas da roda de conversa que tivemos depois do filme e a análise geral dessas falas.

¹²Filme de 1998, longa-metragem com 194 minutos, vencedor de 11 *oscars* e de segunda maior bilheteria arrecadada depois do filme Avatar.

5.2.1 Roda de conversa: *espaços de narrativa*¹³

Quanto à roda de conversa, depois do filme com as crianças, ela aconteceu no mesmo local onde viram o filme, permanecendo todos sentados no chão, só que nesse momento em formato de roda. Iniciei a conversa perguntando para a turma que filme eles tinham visto. Todos responderam – *A invenção de Hugo Cabret!* Então perguntei quem gostaria de se manifestar sobre a história do filme e sobre o que tinha visto. Natália citou em primeiro momento – *Aquele homem que botou o caderno pra queimar*. Se referindo ao caderno de anotações do autômato que George teria pego do menino Hugo para queimar. Perguntei as crianças se ele queimou mesmo o caderno, todas responderam que não. Daniel disse – *Ele queimou o papel pra enganar que ele tinha queimado!* Questionei o porquê eles achavam que ele fez isso. Daniel continuou – *Pra ele não descobrir as lembranças dele*. Referindo-se a Hugo em relação a George. Perguntei que lembranças eram essas, alguns responderam – *O robô!* E continuei perguntando o que o robô escondia. José Victor gritou entusiasmado – *A chave, a chave!* E depois complementou – *Escondia as obras dele*. Quanto perguntei do que eram as obras, José Victor respondeu – *A chave do Cinema!*¹⁴ Paulo respondeu – *De filmes*. E questionei Paulo de que filmes eram estes. Enquanto ele pensava, Marcos indagou – *Dos anos 80!* Alguns riram e começaram a discutir em que tempo ele teria passado. Paulo disse com incerteza – *De 1800 cara!* E Marcos disse – *1800? Mentira!*

Isso mostra que as crianças não tinham a noção do tempo real em que se passava o filme, que era por volta de 1930. Mas tinham sim a noção de que se tratava de algo antigo, que tinha muito tempo.

Questionei sobre o que decorria os filmes, Paulo disse – *O filme falava sobre os filmes dele*. E continuou dizendo – *Falava sobre o passado dele!* José Victor disse – *Falava sobre as invenções dele!* Jaqueline disse que – *Era sobre um menino que vivia num relógio*.

Nesse momento, as crianças descreviam que o filme contava a história de um homem que escondia suas lembranças num robô que ele mesmo construiu, mas

¹³“*Espaços de narrativa*” caracterizou-se a metodologia desta pesquisa, melhor exemplificada no subcapítulo em 1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS.

¹⁴Esta fala da criança, não ouvi no momento da conversa, somente quando fiz a análise do vídeo. Afirmando que nesse momento perdi a oportunidade de perguntar “de que chave de cinema” ele se referia?

que foi descoberto por Hugo. E que essas lembranças eram sobre suas invenções de filmes e do cinema. Há algo a ser compreendido no filme e as crianças dão conta de compreendê-lo.

Ao analisar a gravação, ao transcrever e trazer os recortes para esse texto percebo que direcionei algumas falas. O meu encantamento pelo filme e pelas crianças foi algo que dificultou o distanciamento do papel de pesquisadora. O espaço de narrativa é um espaço de conversa que não requer direcionamento, acredito. Consciente disso continuo minha análise.

Nesse momento decidi por me ater aos personagens perguntando as crianças quem eram eles. As crianças falavam todas juntas, não consegui identificar a autoria nesse momento, nas palavras delas, os personagens eram: – *A mulher dele, Hugo Cabret, o cachorro, o guarda, o velho*. Perguntei então quem era o velho a que eles se referiam. Ângela disse – *Era aquele velho que fazia as invenções do cinema*. Questionei sobre o que eles tinham visto nas invenções do homem velho. Roberta disse que – *Ele inventou o robô*. Evilin disse – *As câmeras que ele inventou*. Depois colocou – *E os relógios também*. Paulo disse – *Ele inventou a segunda câmera...e os filmes*. Falando do momento do filme em que George Méliès monta a própria câmera depois de ter visto a câmera dos irmãos Lumière.

Quando perguntei do que eram os filmes, fui interrompida pela professora da classe – quebrando um diálogo que tinha recém começado a fluir – pergunta a professora: *Como que eles coloriam esses filmes?* As crianças responderam: *pintando à mão*. Questionei se dava trabalho pra eles fazerem isso, todos responderam – *Dava!*

Esse momento de direcionamento, não apenas o meu, mas o da professora quebrou um pouco a espontaneidade das crianças, o que fui tentando retomar aos poucos.

As crianças falavam sobre George Méliès e sobre suas invenções, câmera, robô, filmes e cinema. Elas trazem fortemente em seus comentários suas invenções, mas sem dar grandes detalhes. Bernardet (2006) diz que “Os filmes procuram expressar não situações dramáticas, mas sentimentos, estados de espírito, ambientes, aspirações, nostalgias, associações de idéias etc., por meio de sugestões criadas pelos enquadramentos e pela montagem, pelo ritmo.” Assim, todas as cenas são selecionadas de forma a dar ênfase na história das criações de Méliès, e isso fica marcado para os alunos nas suas falas.

Para retomar a conversa, perguntei se tinha mais alguma coisa que eles gostariam de falar ou alguma cena que eles gostaram mais. Marcos citou – *Eu gostei quando ele conseguiu montar o robô!* Evilin citou na cena final em que o guarda segurava Hugo e George teria levado o menino para casa – *Na hora que aquele homem foi lá, e o guarda tava segurando o braço dele e ele levou ele pra casa!*

Ana Clara comentou da cena em que o robô desenhava o filme, dizendo – *Quando o robô desenhou uma parte do filme.* Perguntei que parte era essa e ela falou que – *A parte em que o foguete bate no olho da lua.* E Paulo complementou – *Era a parte em que o foguete batia bem no olho da lua!* Então perguntei como os personagens descobriram este filme do foguete; José Victor respondeu – *Porque o Pai de Hugo assistiu!* Paulo complementou novamente – *E resgatou o robô que desenhou o papelzinho do desenho da lua.* Mário colocou – *O robô estava num museu guardado.* Ângela terminou dizendo – *Eu gostei da parte que quando acabou o filme ali e também quando ele não desistiu de tentar montar o robô.* Falando sobre a esperança que Hugo tinha em fazer o autômato voltar a funcionar.

O autômato (robô) é uma peça chave do filme, ali se encontram as fantasias, sonhos, desejos, curiosidades das crianças. O autômato é o mistério do filme e também o desfecho da história. Por esse motivo, os alunos citam tanto o robô nas suas falas.

Voltei a perguntar se mais alguém gostaria de falar sobre alguma cena. Marcos disse – *Ah eu já falei! Eu gostei de quando ele conseguiu montar o robô e achou a chave, que tava no pescoço da menina.* Questionei as crianças se a chave era mesmo da menina, cada um respondeu uma coisa, foi um momento em que se confundiram entre mãe, avô, tia, madrastra, discutindo entre eles, o parentesco da tia com a garota. Questionei sobre o nome da garota e eles responderam – *Isabelle!* Mas ao final, Ângela afirmou – *Os pais dela morreram e ela foi morar com os padrinhos.* Perguntei então o que teria acontecido quando Hugo e Isabelle foram para a casa dos padrinhos da menina, e as crianças citaram apenas – *Ela conheceu o Hugo. O Hugo Cabret.* Referindo-se a Jeanne, tia de Isabelle.

Nesse momento as crianças já estavam impacientes, perguntei se eles queriam falar mais alguma coisa, disseram que não, perguntei se gostaram do filme e agradei pela oportunidade de eles concordarem em fazerem parte da minha pesquisa. Em seguida, fomos à sala de aula, para fazermos numa proposta artística em desenho – considerando esse também um espaço de narrativa, na intenção de

provocar a fala das crianças – o que eles gostaram ou apreciaram no filme, como consta no subcapítulo a seguir.

5.3 Sobre os desenhos das crianças: o que ficou?

Neste sub-capítulo apresento os desenhos que as crianças fizeram pós filme e a roda de conversa em sala de aula, para uma análise “do que ficou” mais marcante para elas. A pesquisa de campo: desde passar o filme, roda de conversa e desenho das crianças – também considerado espaço de narrativa – foi feito numa mesma manhã. Duas das crianças, não quiseram participar desse momento da pesquisa em representar o que foi mais marcante pra elas com o desenho, apesar do meu esforço em tentar convencê-las¹⁵.

Nas primeiras figuras abaixo, podemos ver o que ficou mais marcante para a maioria das crianças, que é uma imagem que aparece constantemente no filme, enquanto desenho, enquanto filme e enquanto desenrolar do mistério do autômato. Imagem esta do filme “Uma viagem à lua” de 1902 de George Méliès. Acredito que a maioria o fez por aparecer repetidas vezes no filme, sendo que o desenrolar do mistério no filme, se dá por essa imagem que o autômato desenhou; e também é uma das últimas imagens a aparecer ao final do filme. Acredito que cada um remeteu-se a uma dessas cenas.

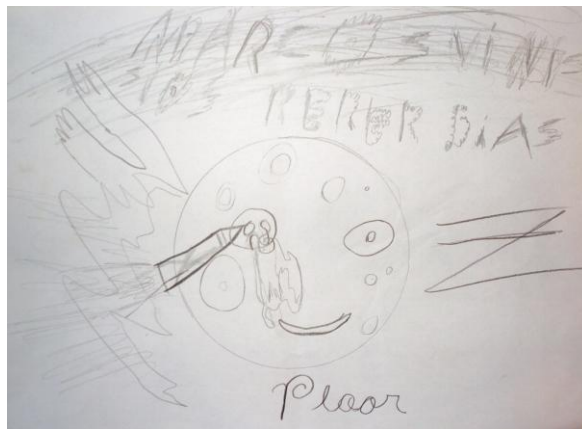
Figura 4 (Larissa – 10 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 1



Fonte: Acervo da pesquisadora

¹⁵Querer ou não participar, ou desistir a qualquer momento faz parte da metodologia de pesquisa deste trabalho.

Figura 5 (Marcos Vinicius – 10 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 2



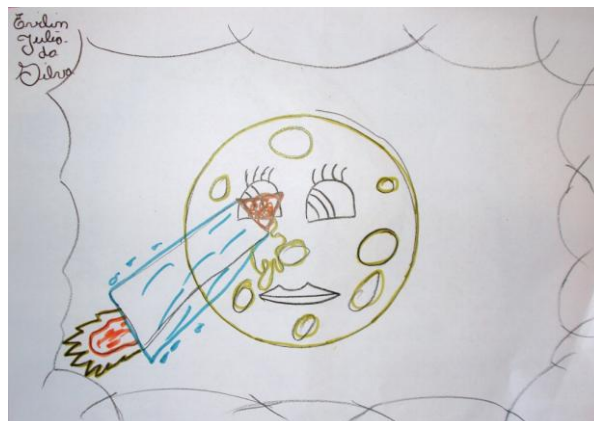
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 6 (Camille – 9 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 3



Fonte: Acervo da pesquisadora.

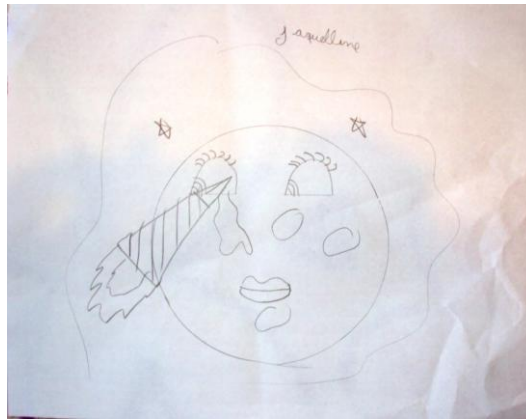
Figura 7 (Evilin¹⁶ – 11 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 4



Fonte: Acervo da pesquisadora.

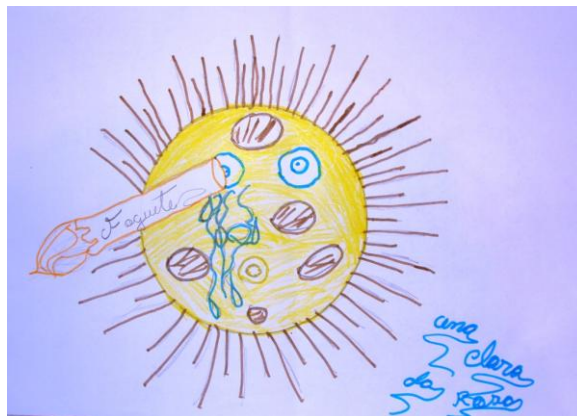
¹⁶Evilin optou em fazer dois desenhos, os dois são desenhos diferentes que foram analisados conforme cenas do filme.

Figura 8 (Jaqueline – 9 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 5



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 9 (Ana Clara – 10 anos)) A Lua sendo atingida pelo foguete 6



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 10 (Luana – 9 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 7



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 11 (José Victor – 9 anos) A Lua sendo atingida pelo foguete 8



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nas duas imagens abaixo podemos ver que nos desenhos, ficaram mais marcantes, os principais personagens. Na figura 12, Thainá desenhou o menino Hugo de amarelo, segurando o autômato de azul e também a personagem Isabelle, juntamente com seu tio George Méliès, fato que revelo após ouvir a criança sobre sua produção artística. Na figura 13, Natália desenha os personagens Hugo e Isabelle no relógio da torre da estação. Para essas crianças os principais personagens, como: Hugo, Isabelle, George Méliés e o autômato são os momentos prioritários.

Figura 12 (Thainá – 14 anos) O autômato



Fonte: Acervo da pesquisadora

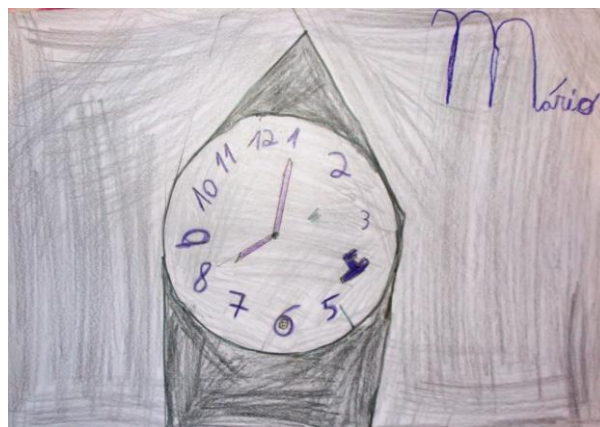
Figura 13 (Natália – 9 anos) Isabelle e Hugo no relógio da estação



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os desenhos a seguir, são ligados a estação, local onde se passa a maior parte do filme. Na figura 14, a criança desenha o relógio da estação, onde o menino Hugo sempre espiava tudo o que nela acontecia. Podemos observar este detalhe na Figura 15; é importante notar que a criança desenha o menino olhando pelo número 6 do relógio. Penso que Mário como um bom observador atento aos detalhes durante o filme e em silêncio praticamente durante nossa roda de conversa, encontra-se nessa cena pelo bom observador que Hugo também era a tudo que acontecia na estação de Paris.

Figura 14 (Mário – 11 anos) Hugo observa pelo relógio da torre



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 15: Hugo observa pelo relógio da torre (Recorte desenho)



Fonte: Acervo da pesquisadora

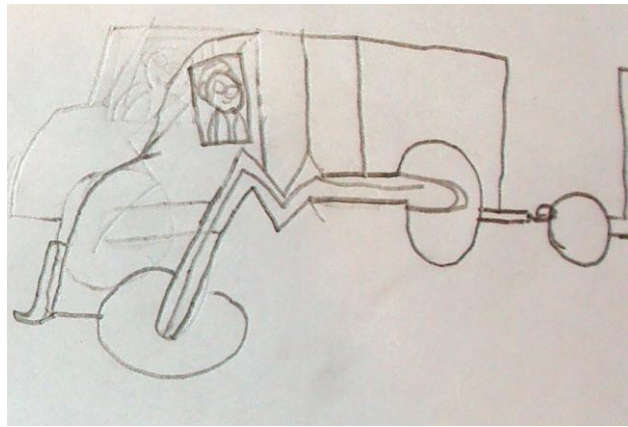
Na figura 16, a criança desenha o momento em que o trem descarrila na estação no sonho de Hugo e cai, deixando destroços para todos os lados. E na Figura 17 podemos constatar os detalhes das engrenagens do trem. A maioria das crianças se assustou nesse momento do filme enquanto o assistiam pensando ser real o acontecimento, mas se tratava de um sonho de Hugo. Por esse motivo, pode ter sido marcante para Roberta.

Figura 16 (Roberta – 9 anos) O trem descarrila na estação no sonho de Hugo



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 17: O trem descarrila na estação no sonho de Hugo
(Recorte desenho)



Fonte: Acervo da pesquisadora

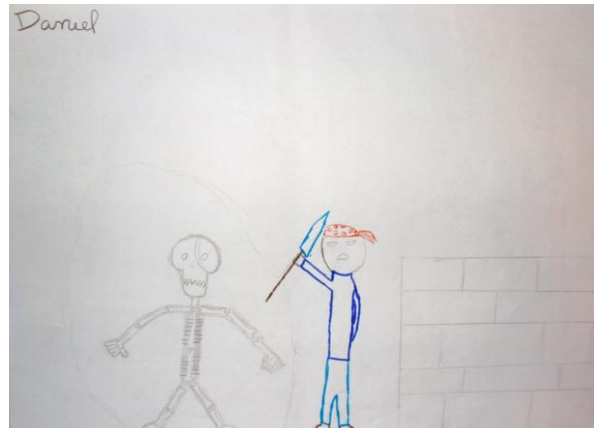
Os desenhos abaixo nas figuras 18 e 19, representam os momentos do filme quando se passa a história do cinema de como eram feitos os filmes e seus efeitos especiais, narrados por George Méliès. Essa criança representou a cena em que a mulher está na lua, pendurada (esposa de George Méliès) e a outra criança, no momento em que George está gravando um de seus filmes e fala sobre a montagem dos efeitos especiais, onde aparecem atores vestidos com roupas de esqueleto e de piratas. Atenho-me aqui ao fato das crianças desenharem exatamente esta parte do filme que apesar de Scorsese revelar os mistérios das gravações dos efeitos dos filmes e seus efeitos, elas não perderam o encanto em se surpreender como eram feitas antigamente as cenas “mágicas” do cinema.

Figura 18 (Evilin – 11 anos) Tia Jeanne na Lua



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 19 (Daniel 10 anos) Os efeitos especiais dos filmes



Fonte: Acervo da pesquisadora

A figura 20, em especial, foi um desenho que também me prendeu a atenção e me surpreendeu. Esta criança desenhou o estúdio de George Méliès, onde eram feitos os filmes e a pintura em azul remete ao fato do estúdio ser todo em vidro. O fato de o estúdio ser de vidro se dá por trazer maior claridade na hora de gravar os filmes, que é uma das falas do cineasta George Méliès durante o filme. Creio que Paulo se ateu a este detalhe, pois o menino não desenha os personagens dentro do estúdio.

Figura 20 (Paulo – 10 anos): O estúdio de cinema de vidro



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os desenhos marcaram, na sua grande maioria, para as crianças do primeiro ano do segundo ciclo, não somente os personagens ou o final feliz do menino Hugo em encontrar um lar. Acredito que a forma encantadora em que o

cineasta Scorsese resolve engendrar neste filme a história do cinema é o que mais instiga e cativa o olhar das crianças. Mesmo que eles não percebam que se trate da história do cinema contada a partir da vida do cineasta Méliès, mas o mistério que o autômato constrói pelo seu desenho, desperta nas crianças a curiosidade em desvendar o propósito da imagem tão desenhada pela maioria deles, assim como o menino Hugo que pela curiosidade do mistério do autômato, também mergulha neste mundo do cinema sem se dar conta.

O momento dos desenhos pouco provocou a fala das crianças que olhavam umas para as outras tentando buscar a imagem que mais e melhor representasse o filme assistido: a lua sendo atingida no olho pelo foguete que mesmo furando um olho, nos abrem tantos outros.

Figura 21: Turma do primeiro ano do segundo ciclo (4º ano)



Fonte: Acervo da pesquisadora

6 PROPOSTA DE CURSO: MOSTRA DE CINEMA E OFICINA NA ESCOLA

Proponho a partir dos diálogos desta pesquisa uma mostra de cinema na escola que atinja a todos os alunos, onde todos possam conhecer repertórios dos primeiros filmes da história do cinema. Para que isso aconteça, a escola escolherá um dia (manhã) para a Mostra de Cinema e no período da tarde, os professores terão uma Oficina de Cinema.

Tema: I Mostra de Cinema do Ceará/ Oficina de Cinema

Objetivos:

- Ampliar o repertório dos alunos e professores, em relação à linguagem cinematográfica, com os primeiros filmes da história do Cinema.
- Promover uma oficina de cinema para os professores do Ceará, oportunizando mais conhecimento sobre a linguagem cinematográfica, através da construção de um roteiro e dos brinquedos ópticos.

Público alvo: Professores e alunos da Escola do Ceará.

Metodologia: A proposta acontecerá da seguinte forma: primeiramente será feita a seleção dos filmes antigos que serão passados para as crianças na Mostra de Cinema, juntamente com o filme proposto nessa pesquisa “A invenção de Hugo Cabret” e serão apresentados para as turmas e os professores, partindo do princípio que são quatro turmas no período da manhã. Os filmes escolhidos têm duração em média de 1 minuto a 48 minutos, e o filme desta pesquisa tem 126 minutos. Pretendo trazer os seguintes filmes também: “A chegada do trem à estação Ciotat” e “A saída das fábricas Lumière” dos irmãos Lumière; “A viagem à lua” de George Méliès; “O Grande Roubo do Trem” de Edwin Porter e “O Circo” de Charles Chaplin. Antes de passar para as turmas, farei juntamente com o professor de artes uma breve fala de como era o cinema quando se iniciou, e que esta história será mais bem contada pelo filme dessa pesquisa, “A invenção de Hugo Cabret”.

Após a sessão da Mostra, no período vespertino os professores, divididos em grupos, farão uma Oficina de Cinema, contemplando: Passos para a construção

de um roteiro. Cada grupo deverá criar pelo menos um personagem para seu roteiro. Aqui os professores farão apenas a construção do seu roteiro, mas sem colocar em prática, devido ao tempo da oficina. O exercício seguinte diz respeito à experiência com os brinquedos ópticos.

Carga horária: 8 horas.

Tabela 1 – Descrição de atividade: **I MOSTRA DE CINEMA DO CEARÁ** (matutino)

I MOSTRA DE CINEMA DO CEARÁ		
Objetivo	Descrição da Atividade	Horários
Breve introdução da Mostra	Iniciação do cinema (história)	08h00 às 08h10
Ampliação repertório cinematográfico	Filmes da pesquisa: “A invenção de Hugo Cabret”	08h10 às 09h45
	Intervalo	09h45 às 10h05
Ampliação repertório cinematográfico	“A chegada do trem à estação Ciotat” “A saída das fábricas Lumière” “A viagem à lua” “O Grande Roubo do Trem” “O Circo”	10h05 às 12h00

Tabela 2 – Descrição de atividade: **OFICINA DE CINEMA DO CEARÁ** (vespertino)

OFICINA DE CINEMA DO CEARÁ		
Objetivo	Descrição da Atividade	Horários
Criação do roteiro	Explicação dos passos para construção de um Roteiro Iniciação da construção em grupos	13h00 às 14h45
	Intervalo	14h45 às 15h05
Criação do roteiro	Continuação da construção do roteiro (personagens) Experiência com os brinquedos ópticos a partir da elaboração do roteiro.	15h05 às 17h00

Referência Bibliográfica:

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos. 119 p.

MORETTIN, Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: **Caderno do Cinema do Professor: Dois.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: **Caderno do Cinema do Professor: Dois.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2009.

Brinquedos óticos. Disponível em:
<http://precinema.wordpress.com/2009/10/28/brinquedos-opticos/>
Acesso em 07 de novembro de 2013.

Brinquedos óticos para as primeiras animações. Disponível em:
<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/como-trabalhar-animacoes-646421.shtml?page=1> Acesso em 07 de novembro de 2013.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma pesquisa que desafia a reflexão sobre o dizer de uma criança para um filme, através de suas falas, dizeres e produções de crianças intensifica o que é de grande importância para professores e adultos em geral perceberem como a criança conhece, ou constrói seu conhecimento, para poder assim, melhor atuar com elas. Mas numa perspectiva de refletir sobre se esse olhar dialoga com o papel da arte é um intuito investigativo do qual tive dificuldades. Mas encontro em Fantin (2009 apud GIRARDELLO, 2009 p. 58) algo que me faz acreditar nessa possibilidade:

[...] entender a relação entre criança-cultura mediada pelo cinema nos ajuda a pensar nos desafios da cultura contemporânea, pois a narração das crianças e suas experiências com os filmes revelam o caráter autobiográfico de suas experiências com o cinema, mostrando a singularidade da construção de sentidos.

Assim, suas experiências com o cinema, juntamente com suas vivências cotidianas, dialogam com a bagagem que a criança carrega consigo, e tudo isso influencia na interpretação da criança perante a essa linguagem da arte.

Voltando para educação, “o cinema incorpora diversas linguagens abrindo inúmeras possibilidades semióticas de percepção da realidade circundante.” (MODRO, 2009, p. 26). E se pensarmos ainda no papel da arte na educação que é “O objetivo último e fundamental da educação e da presença da arte nos currículos como uma forma particular de conhecimento é capacitar o aluno a interpretar e representar o mundo à sua volta.” (BRASIL, 2008, p. 183).

É a partir dessas questões que retomo o desafio dessa pesquisa e afirmo que a interpretação e a representação que as crianças tentam fazer durante o filme, nas falas da roda de conversa, nos desenhos, nos questionamentos, tudo isso, é sua forma de se relacionar com o filme e com esse mundo do cinema e com a arte. Nesse exercício de ouvir as crianças me ponho como aprendiz e adquirindo conhecimento, e transformando antigos conceitos em novos conceitos, comungo com o próprio exercício de aprender das crianças, ampliando sua forma de enxergar as coisas a sua volta, compreendendo melhor a arte e porque não dizer, seu fazer artístico. Como propõe Silva:

Como espectadores, estamos sujeitos a receber do cinema tudo aquilo que ele pode nos oferecer, precisamos ampliar possibilidades de escolhas a partir de um conhecimento maior e melhor sobre essa linguagem que vem tomando conta de uma técnica cada vez mais qualificada e que tem nas suas potencialidades, enquanto linguagem, um poder de significar o mundo em que vivemos. (2009, p. 35)

Com essa nossa tomada de consciência sobre essa compreensão da linguagem do cinema, acabamos alimentando nosso gosto por e pelo cinema, e assim também pela arte. A fala das crianças sobre o filme, contempla o papel da arte na educação?

Mesmo tendo consciência do filme “A invenção de Hugo Cabret” ser apenas uma das diversas possibilidades de trazer a sétima arte para os educandos, busquei nesse filme, compreender suas falas e dizeres ligados a arte. Acreditando que percebi nele, as inúmeras possibilidades em envolver as crianças no mundo mágico do cinema. Mas, se realmente essas falas respondem a questão que deu início a essa investigação, amplio aqui minhas dúvidas:

De que forma o cinema é contemplado na escola? Seria ele, o cinema, uma linguagem contemplada nas aulas de artes?

Essas questões ficarão para uma segunda etapa, embora saiba que algumas pesquisas já foram feitas para melhor compreender essa relação do cinema com a educação. No momento fico com as respostas das crianças enquanto considero-as ricas, nutridas de uma capacidade de compreensão que merece destaque, uma vez que, mesmo em uma manhã apenas, trouxeram respostas que criaram estreita relação com o papel da arte na educação, ou seja: ampliar olhares sobre si, o outro e o mundo tomando o cinema como uma das linguagens artísticas da qual temos o direito de ter acesso. O acesso aqui diz respeito à compreendê-lo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 110 p.
- ALZUGARAY, Domingo. **1000 que fizeram 100 anos de cinema**. Rio de Janeiro: Editora Três Ltda, s/d.
- BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos. 119 p.
- BOSCOV, Isabela. O pioneiro da ilusão. **Veja**. São Paulo, v. 2256, n.7, p. 122-123, fev. 2012.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009. 80 p.
- BRASIL. Mec. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70&Itemid=265:legislacoes . Acesso em: 11 set. 2013.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUORO, Anamelia Bueno; COSTA, Bia. Por uma construção do olhar na formação do professor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. Tradução Nilson Moulin Louzada. Rio de Janeiro: Globo, 1987. 271 p.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FANTIN, Mônica. **Da Mídia - Educação aos olhares das crianças: pistas para pensar o cinema em contextos formativos**. 2006. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-1760--Int>. Acesso em: 01 de out. 2013.

_____, Mônica. O processo criador e o cinema na educação. In: FRITZEN, Celdon, MOREIRA, Janine (Orgs.). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 158 p.

FERREIRA, Sueli (Org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus: 2001. 224 p.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GIRARDELLO, Gilka. FANTIN, Mônica (Orgs.) **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009. 164 p.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon, MOREIRA, Janine (Orgs.). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 158 p.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artísticos-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon, MOREIRA, Janine (Orgs.). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 158 p.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: **Caderno do Cinema do Professor: Dois**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2009.

Martin Scorsese. A invenção de Hugo Cabret. [DVD] EUA: Paramount Pictures/ GK Films; 2011.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998. 198 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Cineducação: usando o cinema na sala de aula**. Joinville,

SC: Casamarca Design Editorial, 2005. 56 p.

_____, Nielson Ribeiro. **Cineducação 2**: usando o cinema na sala de aula. Joinville, SC: Editora Univille, 2006. 128 p.

_____, Nielson Ribeiro. **O mundo jurídico do cinema**. 1. ed. Blumenau: Nova letra, 2009. 128 p.

MORETTIN, Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: **Caderno do Cinema do Professor**: Dois. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo: 2009.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010. 128 p.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. 159 p.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. MAKOWIECKY, Sandra. (orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó/SC: Argos, 2008. 35-53 p.

RAMOS, Eduardo. A linguagem cinematográfica. In: **Caderno do Cinema do Professor**: Dois. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo: 2009.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis, 1998.

SILVA, Silemar Maria de Medeiros da. "**Minha escola é assim...**": reflexões sobre a produção de um filme com crianças. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma: 2009.

SELZNICK, Brian. **A invenção de Hugo Cabret**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Edições SM, 2007. 527 p.

TONE, Lilian. **Willian Kentridge**: fortuna. Catálogo: Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**A sétima arte na educação: reflexões a partir do filme “A invenção de Hugo Cabret” na fala das crianças.**”

O (a) sr(a): **Margarida Dáros**, diretora da escola: **E.M.E.I.E.F. Professor Moacyr Jardim de Menezes**, foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto a turma do 4º ano do ensino fundamental, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos: refletir sobre os dizeres das crianças sobre o filme “A invenção de Hugo Cabret” e se estes dizeres dialogam com o papel da Arte na educação.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica **Paola Jucoski Inácio (Telefone: 48-99491949)** da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora **Silemar Maria de Medeiros da Silva (Telefone: 48-99931197)**.

Criciúma (SC) 25 de setembro de 2013.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PAIS/RESPONSÁVEIS**AUTORIZAÇÃO PARA PAIS DE ALUNOS**

Eu, _____
portador do RG _____ (nº da identidade), pai mãe e/ou responsável
autorizo a utilização das falas, escritas e imagens de meu filho(a)

aluno(a) do 1º ano do 2º ciclo (4º ano) na E.M.E.I.E.F. Professor Moacyr Jardim de
Menezes, como dados para a pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Paola
Jucoski Inácio, acadêmico(a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que
tem como objetivo: refletir sobre os dizeres das crianças sobre o filme “A invenção
de Hugo Cabret” e se estes dizeres dialogam com o papel da arte na educação.

Atenciosamente,

Assinatura do aluno/pai e/ou responsável

Criciúma, 25 de setembro de 2013